

EXPERIÊNCIA EM EXTENSÃO RURAL NO PRÉ-ASSENTAMENTO LEONIR ORBACK

JACKELINE VIEIRA LIMA¹; MARCO ANTONIO HEIMAMN FRAGATA²; NATIELE ISAURA DE ALMEIDA VEECK³; DANIELE BONDAN PACHECO⁴; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – *jackeline-vieira1@hotmail.com 1*

² Universidade Federal de Pelotas – *mstmarco@gmail.com 2*

³ Universidade Federal de Pelotas – *nativeeck@hotmail.com 3*

⁴ Universidade Federal de Pelotas - *danielebondan@hotmail.com 4*

⁵ Universidade Federal de Pelotas - *lfdschuch@gmail.com 5*

1. INTRODUÇÃO

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no município de Quedas do Iguaçu, existem 2.391 imóveis rurais, sendo que destes 91,46% são voltados à agricultura familiar. Nessa região os assentados somam 1095 famílias (INCRA, 2010). Hoje os assentamentos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da região, contribuindo para diversificação das atividades agrícolas e garantindo a permanência do modo de vida camponês.

O pré-assentamento Leonir Orback está localizado na região Centro do estado do Paraná, no município de Quedas do Iguaçu, na microrregião Guarapoava.

O nome do pré-assentamento é homenagem a uma das vítimas do conflito entre acampados e policiais militares, que ocorreu na tarde do dia sete de abril de 2016 e deixou dois mortos: Leonir Orback e Vilmar Bordim, além de outros sete feridos. Nos últimos 25 anos, 17 agricultores Sem-Terra foram assassinados no Paraná. Entre os resquícios da morte de Leonir e Vilmar, está a operação Castra, que tem como alvo a criminalização de integrantes do Movimento Sem Terra (BRASIL DE FATO, 2017).

As 92 famílias do pré-assentamento esperaram pelo almejado pedaço de chão por 13 anos em acampamentos e, recentemente, foram para os lotes individuais e fazem reemergir a agricultura camponesa, como tem acontecido em países europeus, onde cultivam a terra e dela sobrevivem (PLOEG, 2006). Os assentamentos perpassam a discussão da questão agrária do país e vão além, abrangem a questão de garantia da produção de alimentos, na perspectiva da soberania alimentar, o qual os trabalhadores camponeses são os agentes centrais deste processo.

A maioria das unidades produtivas no pré-assentamento têm a produção leiteira como a principal fonte de renda para a família, mas com várias outras atividades, não como fins de se obter renda, mas para ajudar no auto sustento da família, através de produtos de origem vegetal (feijão, arroz, mandioca, batata doce, abóbora e hortaliças em geral) também de origem animal (ovos, frango caipira, patos, galinha de angola, suínos, caprinos e ovinos).

O momento atual é histórico para os pré-assentados, de planejamento da Unidade de Produção Camponesa – UPC, após anos de luta e resistência, antes inseridas numa vivência mais coletiva (13 anos acampadas), e mais recentemente começam a se organizar em seus lotes individuais (um ano de pré-assentamento).

A prática de extensão no pré-assentamento teve por objetivo entender melhor o contexto produtivo e de qualidade do leite, as quais as famílias camponesas começam a se organizar produtivamente.

2. METODOLOGIA

A experiência em extensão rural ocorreu durante dois meses do período de estágio curricular, intercalando atividades à campo, quando foi possível compreender melhor as diversas realidades, e laboratoriais na faculdade de medicina veterinária da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, onde em conjunto com outros (as) colegas se realizou o processamento das amostras coletadas.

As atividades no pré-assentamento Leonir Orbak, ocorreram a partir de um esforço coletivo dos (as) camponeses e camponesas pré-assentados, do Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia - CEAGRO, UFPel, representado pela equipe do LASC - Laboratório de Saúde Coletiva e de dois educandas (os) graduandos do décimo semestre de medicina veterinária da turma especial, sob orientação de um médico veterinário.

Foi realizado um planejamento prévio sobre os trabalhos a serem desenvolvidos, para que fosse possível visitar as propriedades, acompanhar as ordenhas, aplicar questionários, fazer coletas de amostras de leite para cultura microbiológica no LASC e devolução dos resultados em forma de laudo e diálogo com as famílias. No pré-assentamento as famílias já haviam passado por um processo de sensibilização de interesse em participar do trabalho de extensão rural. Sendo assim, o produtor (a) era avisado no período anterior (tarde ou manhã) sobre o acompanhamento da ordenha seguinte.

Assim acompanhava-se a ordenha fazendo observações, sem interferir na rotina das famílias, exceto pela realização dos testes de mastite: teste do California Mastite Teste (CMT) e Caneca do Fundo Escuro (CFE) e coleta de amostras positivas para mastite clínica e/ou subclínica. Nesse momento, as pessoas eram questionadas sobre o conhecimento e rotina de realização dos testes de mastite nas vacas em lactação e qual periodicidade de realização dos mesmos.

Com objetivo de conhecê-las melhor, foi elaborado um questionário a ser aplicado em visitas as unidades produtoras de leite, com o intuito de levantar dados para posteriormente poder dialogar sobre a produção, comercialização e qualidade do leite produzido no pré-assentamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos resultados sistematizados, retomou-se o trabalho à campo com objetivo de dialogar com as famílias sobre os mesmos. Orientando-os referente aos impactos dos achados na produção de leite, no âmbito da qualidade, volume entregue as indústrias de laticínios, sanidade do rebanho, bem como saúde do coletivo.

O diálogo foi baseado na perspectiva de vida cada família, suas realidades, objetivos futuros e condições sócio econômica das UPCs, haja vista que como afirma TOMMASINO, “O trabalho de extensão rural parte do diagnóstico da realidade a que se pretende atuar, cujo trabalho da técnica (o) é auxiliar, somando seus conhecimentos ao dos camponeses, construindo conhecimento”.

Partindo do objetivo das famílias, que por vezes não se resume a lucros ou dependência de uma determinada atividade econômica e sim qualidade de vida

do grupo. Cientes da imensa diversidade existente entre as propriedades, cujos processos tecnológicos avançam de formas diferentes, principalmente em detrimento da força de trabalho existente nas unidades produtivas. Alertando-nos para importância de melhorar as condições de vida no meio rural, que possibilite o a permanência/retorno dos jovens ao campo, amenizando o envelhecimento dos assentamentos e impedindo o êxodo rural.

Um dos desafios da cadeia do leite é a melhoria da qualidade do produto, parte do trabalho teve como finalidade buscar o diálogo com os produtores envolvidos na atividade, acerca da possibilidade em produzir com qualidade e ao mesmo tempo, aumentar ainda que timidamente a produção de leite.

Ao serem sugeridas algumas propostas, pode se observar que algumas mudanças são tranquilas de serem trabalhadas, como o manejo de pastagens por exemplo. Outras são mais delicadas e leva tempo, paciência e requer confiança da relação entre técnicos e camponeses, pois perpassam por questões de construir novos saberes relacionado a valores e questões culturais, numa perspectiva de quebra de paradgmas que são reproduzidos por gerações.

Neste sentido é importante esclarecer que esta experiência foi pensada como uma provocação inicial, justamente por entendermos que quebrar estes paradigmas requer construir com os assentados da região, uma extensão rural planejada que necessitará ações de curto, médio e longo prazo.

Pois dependendo do modo como se interpreta e atua na prática a extensão sob uma perspectiva de quebra de paradigmas, fortalece o modelo de extensão rural dos pacotes tecnológicos, cujo conhecimento do técnico é imposto em detrimento dos saberes dos povos. Modelo este que não é de interesse dos extensionistas envolvidos.

Esta ação inicial também teve a intencionalidade de auxiliar as famílias que ali residem a ter uma melhor visão sobre as atividades que estão envolvidas e a investir de forma mais segura os recursos que em breve os mesmos estarão acessando junto ao Banco do Brasil (BB).

Visto que entre as queixas principais dos assentados (as) da região, é referente à aplicação os investimentos sem antes terem acesso a orientações técnicas, que contribuam para um melhor uso dos recursos, de forma a melhorar as condições de vida e trabalho nas UPCs, garantindo a permanência das famílias no campo e a sucessão rural.

São atribuições comuns a todos os profissionais participar do processo de territorialização e mapeamento da área onde pretendem atuar, identificando grupos, famílias e indivíduos os quais almeja fortalecer. Cabe ao profissional buscar seu espaço e inserir-se no contexto.

A experiência de extensão rural no pré-assentamento tornou possível este processo de territorialização e o conhecimento do potencial produtivo da região, bem como a carência de assistência técnica e extensão rural. Dessa forma abriu espaço e gerou demandas para os médicos veterinários recém-formados atuarem na sua base de origem.

4. CONCLUSÕES

Os camponeses e camponesas se mostraram interessados e abertos a dialogarem sobre mudanças e tecnologias que contribuam no sucesso do sistema produtivo e bem estar do grupo familiar. Através da experiência ficou perceptível a necessidade e o impacto positivo que uma assistência técnica e extensão rural planejada, contribuem para o avanço da reforma agrária no país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico, 2010. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<https://goo.gl/e7gHTy>>. Acesso em: 01 de agos. 2018.

BRASIL DE FATO. **Massacre de agricultores Sem-Terra no Paraná completa um ano.** 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/Jwpbpd>>. Acesso em: 01 de jul. 2018.

PLOEG, J. D. V. D. **O modo de produção camponês revisitado. A diversidade da agricultura familiar**, 2006. 54p.

INCRA - **Maior assentamento do Paraná diversifica produção com associativismo 2010.** Disponível em: <<https://goo.gl/rNFfUm>>. Acesso em: 03 de ago. 2018.